



VOZES da
AGRICULTURA
ecológica

Capítulo 9

ROSANE E MAURO
FERNANDES

dezembro, 2017

Laércio Meirelles



Rosane e Mauro Fernandes



dezembro, 2017

Começo a conversa perguntando ao casal Mauro e Rosane Fernandes quando eles começaram a trabalhar com Agricultura Ecológica.

— *Foi por volta de abril de 1992 – diz o Mauro.*

— Como foi?

— *Nós produzíamos banana e aipim. Um dia encontrei o João, marido da Neli, vizinhos nossos e membros da Acert, e ele me disse “deixa de ser tanso, Mauro, e vai vender conosco na Feira de Porto Alegre” (risos). Aí aceitamos o convite, participamos de reuniões, ingressamos na Acert e começamos a vender alguns produtos na Capital.*

Mauro e Rosane lembram de um Encontro Regional de Jovens, na comunidade, preparando uma Assembleia Diocesana, em Farroupilha, para comemorar o Ano Internacional da Juventude, lá pelos idos de 1985. Foi quando os dois se conheceram. Dentre outros pontos, nesse Encontro falava-se em alternativas para não usar veneno na agricultura e em comercialização direta da produção. Guardaram as informações e o sonho de incorporar essas possibilidades em suas vidas.

Imediatamente faço as contas e recordo-me que, naquele momento, eu cursava o sexto semestre do curso de Agronomia, na Universidade Federal de Viçosa

(UFV) e participava, junto com outros poucos estudantes, do grupo de agricultura alternativa. Digo isso para lembrar que, na época, meados de 1980, o país vivia um clima de retomada de direitos pós ditadura militar, o que estimulava que trabalhos de natureza ecosocial fossem desenhados em diferentes contextos.

A Associação dos Colonos Ecologistas da Região de Torres (Acert), começou a ser formatada após o famoso curso dos dias 04 e 05 de abril de 1991. Famoso ao menos para os que se dedicam à Agricultura Ecológica no Litoral Norte do RS e Extremo Sul de SC. Nessa ocasião, eu e o Jorge Vivan saímos de Ipê, Serra Gaúcha, onde morávamos, para passar dois dias com uma turma de 50 agricultores dessa região, conversando sobre os malefícios da mal denominada Revolução Verde e seus adubos solúveis e agrotóxicos, como trabalhar hortas ecológicas com base na Teoria da Trofobiose e sobre o Manejo Agroflorestal de Bananais.

O então Centro de Agricultura Ecológica Ipê (CAE Ipê), havia sido convidado pela Pastoral Rural da Diocese, através dos Padres Remi Casagrande e Josemar Conte, a vir ministrar esse curso. Para viabilizar a troca de conhecimentos necessária para uma boa produção ecológica e a presença na Feira dos Agricultores Ecologistas (FAE), em Porto Alegre, as famílias começaram a se mobilizar ao redor da criação do que, posteriormente, chamaram de Acert.

Mauro recorda que a opção por trabalhar com Agricultura Ecológica teve como razão principal os ideários que lhe haviam despertado a atenção naquele encontro de 1985. Os mesmos que estimularam o surgimento da própria Acert. O primeiro ideário, produzir sem veneno.

— *Não que nós usássemos muito veneno, era NPK (formulação a partir de fertilizantes solúveis, que contém nitrogênio, fósforo e potássio) e um secante, o round-up, nos bananais* – diz o Mauro.

Round-up é um dos nomes comerciais de um poderoso herbicida sistêmico, o glifosato. Seus malefícios já são amplamente conhecidos e divulgados, mas segue sendo o agrotóxico mais vendido no mundo.

A segunda razão para que o casal ingressasse no trabalho com Agricultura Ecológica era a oportunidade de vender melhor sua produção, valendo-se da “comercialização direta”, que sempre foi um ideário no desejo de aumentar a renda dos agricultores familiares. A conta é simples, por vezes, simplista. Elimina-se o intermediário e a remuneração para quem produz aumenta.

Naquele momento, o casal já tinha dois filhos pequenos: Ezequiel, nascido em 1987 e Mariane, nascida em 89. Gabriela, a caçula, chegou em 1995.

Em meio a essas recordações, em uma manhã ensolarada de dezembro de 2017, posso ver os olhos do casal Fernandes brilharem ao viajar no tempo. Os dois nasceram na comunidade de Pixirica, então município de Torres, em meados dos anos 1960. Seguem vivendo na mesma comunidade, hoje pertencente ao município de Morrinhos do Sul. Filhos de pais agricultores, nunca imaginaram outro trabalho.

Casaram-se em 1986. Trabalhavam com banana e plantavam aipim em terras arrendadas ou emprestadas pelo pai da Rosane. A casa foi construída por eles, há 30 anos, em um terreno que pertence à mãe do Mauro. O que colhiam era vendido por preços aviltantes a atravessadores. Em dado momento, arriscaram fazer uma lavoura de tomate, “para sair do sufoco”. Os resultados não foram nada animadores.

As perspectivas de ganharem dinheiro na agricultura não eram boas. Esse foi um fator que impulsionou a transição para a Agricultura Ecológica, mesmo ouvindo de parentes e vizinhos que sem usar veneno ou adubo químico “iriam morrer de fome”.

Ouçó atentamente eles falando de suas trajetórias. Mauro

vai lembrando e contando, de forma entusiasmada, suas histórias. Sempre pedindo ajuda a Rosane que, ao mesmo tempo que cozinha, ajusta as informações que seu marido repassa. Meu olhar transita entre eles e a plantação de pitaia atrás da casa. Pitaia é um lindo cactus que produz uma fruta do mesmo nome, cada vez mais aceita pelos consumidores. Eles ganharam as primeiras mudas há seis anos e hoje ela representa uma parte importante da renda da família.

O solo, como é comum nos pomares manejados de forma ecológica, está todo coberto. É como a natureza gosta e nos ensina a fazer. Sempre manter a terra coberta. Em ambientes com vegetação natural, raras vezes um observador vai encontrar um solo descoberto. As folhas verdes das plantas, ou as secas que naturalmente caem, estarão quase sempre formando uma cobertura. Às vezes, pode ser apenas uma sombra que o cobre, mas solo desnudo mesmo, só em situações extremas. Nesse caso da lavoura de pitaia, a cobertura que predomina é de uma vegetação espontânea. Ou seja, aquela que nasceu sem ter sido semeada, a partir do banco genético do próprio solo. Pergunto o porquê e Mauro explica que este ano perdeu o melhor momento para semear aveia e nabo forrageiro, duas espécies com sistema radicular farto, que ajudam a estruturar o solo, sendo eficientes em produção de biomassa no inverno nas condições e clima da região. Essa decisão, entre trabalhar apenas com a vegetação espontânea ou agregar outras plantas através da semeadura, deve ser tomada, principalmente, em função da capacidade do sistema agrícola em produzir uma boa quantidade de massa apenas a partir das sementes que tem disponível.

Leva-se em conta, também, o cultivo principal e de como ele vem respondendo às plantas que emergem de forma espontânea. Por exemplo, é fato conhecido e facilmente percebido que gramíneas com raízes estoloníferas podem afetar o crescimento de muitas plantas cultivadas e devem ser

evitadas, exatamente semeando outras plantas que irão inibir seu crescimento.

A lavoura de pitaia do Mauro chama a minha atenção. Ele conta que todos os anos usa nesse solo um adubo orgânico, que compra à base de esterco de frango de corte. Utiliza, ainda, adubos minerais de baixa solubilidade oriundos de rochas moídas. Minha percepção é de que o cultivo de uma cactácea, em um solo manejado há tantos anos de forma ecológica, deveria minimizar de forma considerável, tendendo a zero, o uso de fertilizantes comprados. Essa não é uma regra geral, mas uma tendência que meus trinta anos de experiência ensinaram-me. É sempre muito difícil ser preciso nestes diagnósticos e soluções, mas arrisco dizer que a drenagem insuficiente do terreno pode estar afetando a capacidade de produção de biomassa e, conseqüentemente, obrigando o Mauro a despender recursos com a compra de adubos orgânicos. Um melhor trabalho de drenagem poderia baixar os custos de produção. Por vezes, é algo mais sutil e o uso de adubos orgânicos se dá mais por um hábito cultural do agricultor e menos por incapacidade do solo em nutrir as plantas.

Meus olhos e pensamentos saem da pitaia e voltam à cozinha. Rosane está contando um episódio ao qual sempre faz referência. Ela sorri enquanto conta:

— *Logo na primeira feira que fui em Porto Alegre, vendi 17 molhos de almeirão. Foi uma alegria só!*

Penso em como é uma quantidade insignificante comparado ao que eles hoje produzem e comercializam, mas posso imaginar que, naquele momento, representou um recurso nada desprezível e, principalmente, o rasgo de esperança no qual eles se agarraram na expectativa de poder aumentar a renda da família.

Pergunto se eles eram economicamente pobres 25 anos atrás e eles afirmam que sim.

— *Não faltava alimento, mas a ajuda dos nossos pais*

era importante – diz o Mauro, que deixa escapar um sorriso no rosto enquanto segue contando:

— *Com parte do que arrecadamos na primeira feira compramos um pote de mel. Sempre tinha vontade de ter mel, mas não podia comprar.*

Essa modesta experiência com os 17 molhos de almeirão, uma venda bem sucedida de 70 molhos de espinafre em um dado sábado, e outras do mesmo quilate, os estimularam a seguir nessa trilha. Agricultura Ecológica e venda direta na feira em Porto Alegre. O passo seguinte foi aumentar a horta, arrendando mais um pedaço de terra.

Algum tempo depois, a realização de um sonho. A compra de um terreno. Adquiriram, próximo a casa, 0,7 hectare. Alegria grande, uma conquista que coroava anos de esforços.

Em 25 anos foi possível sair de uma condição difícil e ter uma vida mais tranquila do ponto de vista financeiro. Posso dizer bem mais tranquila. Casa reformada, terras próprias, caminhonete que serve para passeio e trabalho.

Nos primeiros anos dessa trajetória, o trabalho foi sempre crescente. O número de cultivos com os quais eles se envolviam, também. A diversidade do que plantavam guardava relação direta com a intensa demanda por mão de obra. Por mais que trabalhassem muito, e os filhos crescendo os ajudassem, eram obrigados, também, a contratar trabalhadores da comunidade.

Posso afirmar que a horta deles sempre foi um exemplo de cuidado. O Centro Ecológico inúmeras vezes levou agricultores/as para visitá-la. Couve flor, repolho, pimentão, pimenta, vagem, pepino, acelga, beterraba, cenoura, chicória, berinjela e mais, muito mais. Está explicado porque a necessidade de contratação de mão de trabalhadores.

Após mais de dez anos nesse tipo de manejo, o casal começou a perceber de forma clara que, por mais que tivessem uma boa produção e vendessem relativamente bem o produzido, a renda não crescia como seria esperado. A razão identificada

foi o gasto excessivo com mão de obra contratada.

Nesse momento, intensificaram um movimento que já vinham fazendo. Aumentaram o cultivo de algumas plantas menos demandantes de mão de obra, em um jogo entre a necessidade de diminuir o gasto com trabalhadores, atender pedidos que vinham de alguns consumidores e cultivar plantas menos exigente em tratamentos foliares.

— *Nós nunca gostamos muito de pulverizar* – afirma Rosane.

Ponho minha atenção na parte do relato do casal em que afirmam que a demanda dos consumidores ajuda a redefinir cultivos. A demanda sempre colabora no desenho de uma propriedade rural, principalmente na diversificada agricultura familiar.

A partir desse lento redesenho, os cultivos principais mudaram. Agora vemos, além do aipim, da banana e da pitaiá, cará, inhame, gengibre e açafrão da terra. Claro que o trabalho segue intenso, mas menos do que era com a lista de olerícolas que citei acima. Essa deriva no desenho da propriedade, de olerícolas muito intensivas em mão de obra e exigentes em fertilidade do solo e manejo, para outras com um perfil um pouco mais rústico, foi muito oportuna. Acho que essa possibilidade deve sempre ser considerada. No caso da família Fernandes pode ser elencada como um fator importante de seu sucesso.

Rosane explica:

— *Essas plantas são muito mais fáceis de serem preparadas para a venda. Além disso, o que sobra em uma feira posso vender uma, duas, três semanas depois. Se é uma couve-flor, um repolho ou uma alface não, o que sobra temos que dar para os animais.*

Ouçõ isso e recorde de um produtor de hortaliças convencionais que visitei na Serra há muitos anos. Reclamava que na última semana havia sobrado muito repolho dos que

ele havia tentado vender na Central de Abastecimento (Ceasa), de Porto Alegre. “E o pior é que nem posso dar para as vacas, estão cheios de veneno”. Nunca esqueci dessa cena e dessa frase. Diz algo sobre o dilema ético no qual agricultores que utilizam agrotóxicos se veem envolvidos. Ninguém gosta de dar para outros comerem o que nega às suas vacas. Se tem quem o faça é por julgar que não há outro caminho.

Pergunto por alguns números, eles contam que neste ano irão colher 5 toneladas de açafrão da terra, também conhecido como cúrcuma. Junto com o gengibre, representará a maior renda da família nesta safra.

Voltando a falar de feira, pergunto se eles não cansaram, afinal são 25 anos indo a Porto Alegre todos os sábados. A rotina é estafante: depois de uma sexta feira intensa de colheita e preparação de produtos, saem de casa às 9 da noite, cerca de 2 da manhã estão chegando à capital, dormem no próprio ônibus que os leva e, 3 horas depois, já está na hora de preparar a banca. Retornam para casa no final da tarde de sábado. Rosane responde:

— *Gosto muito de ir à feira. Muito. Claro que cansa, mas a interação com os consumidores, alguns de décadas, é meu incentivo a seguir participando. Acho que seria um vazio na minha vida não ir mais à feira!*

Mauro acha o mesmo, ainda que ele frequente a feira com menos intensidade que a esposa.

Volto a vista ao quintal e vejo o trator do Mauro, um Valtra A 550. Sem que eu pergunte, ele comenta:

— *No início era tudo com a mão, tínhamos o sonho de ter um equipamento que aliviasse nosso trabalho.*

Com o passar dos anos, conseguiram um tobatta (microtrator). Há pouco tempo, com financiamento governamental, compraram este Valtra. Agora, já gostariam de trocá-lo por um que seja mais estável para trabalhar em terrenos mais difíceis, no caso, seus bananais. Aqui a prosa

põe-se aquecida nos meios daqueles que pensam a agricultura ecológica. Tratores maiores cabem dentro da proposta de uma agricultura mais “natural” e harmônica com a natureza?

Existem diferentes posicionamentos. Entre os que fazem, que se envolvem diretamente na produção, vejo menos esta discussão, todos buscam mecanismos de aliviar a penosidade do trabalho que enfrentam no seu cotidiano.

Nosso assunto deriva das feiras e plantações para os filhos. Dividimos nossas preocupações. Filhos, sabemos, são uma espécie de pauta eterna para os pais. Falam de um sonho que acalentam: ter todos os filhos e cônjuges trabalhando com eles. Sonho que em parte já se tornou realidade.

Ezequiel, casado, acaba de retornar para trabalhar em casa, após se formar em técnico agrícola, se graduar em Desenvolvimento Sustentável e trabalhar por oito anos em uma Organização Não Governamental, o Centro de Tecnologias Alternativas Populares (Cetap), cuja sede é em Passo Fundo.

Para ser mais preciso, Ezequiel voltou para uma espécie de extensão da casa dos pais. Rosane e Mauro puderam dar prosseguimento ao sonho e compraram mais um pedaço de terra. Um pouco longe de onde moram, cerca de 30 quilômetros, mas um excelente local. Ezequiel e a esposa estão morando nessa terra e trabalhando-a junto com os pais. Mariane se graduou em Engenharia Ambiental e mora em Criciúma. Gabriela está a ponto de se graduar no curso de Agronomia no Instituto Técnico Federal, em Santa Rosa do Sul, SC. Ezequiel e Gabriela carregam a mesma batida dos pais, a opção pela agricultura ecológica tem sido clara em suas vidas e ações. Mariane, em seu trabalho urbano, não desconsidera a opção feita pelos pais. Com isso, quero dizer que a decisão por trabalhar a agricultura ecológica é um consenso na família, não existe aquela voz discordante que muitas vezes os jovens levantam em relação à opção dos pais.

Esse tema, tratado na agricultura com o termo genérico

de sucessão, é uma preocupação em qualquer parte do mundo quando se pensa em estratégias futuras para a agricultura. A agricultura é um trabalho penoso. Nem sempre bem remunerado. Além disso, a moderna sociedade urbano-industrial revestiu nosso imaginário com a percepção do urbano moderno e do atraso no ambiente rural. É o primo da “roça”. É o “colono”.

A imagem do Jeca Tatu coroa essa percepção.

Essa identidade de Agricultor Ecológico ou Orgânico ajuda a superar ou, ao menos, amenizar esse estigma, como que “moderniza” a identidade de “ser agricultor”. Essa é uma conversa longa, deixo aqui apenas estas breves reflexões.

A visita à propriedade e a conversa com o casal são inspiradoras. A trajetória partiu de um sonho que começou a ser sonhado pelos idos de 1985. Os dois nunca se desviaram do foco, aproveitaram as oportunidades que surgiram e tiveram paciência para superar as dificuldades.

O casal tem clareza sobre um dos sonhos que ainda carrega: reunir a família sob suas asas e sobre suas terras. Como Mauro e Rosane são do tipo cumpridores de sonhos, não me surpreenderei se conseguirem.

